

PROFESSORES E ALUNOS: O IMPACTO DA PANDEMIA DA COVID-19 PELA PERSPECTIVA DE DOCENTES

Teachers and students: the impact of the covid-19 pandemic from the perspective of teachers

Docentes y estudiantes: el impacto de la pandemia covid-19 desde la perspectiva docente

Nattany Ribeiro de Moraes

<https://orcid.org/0009-0008-1043-0326>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Thelma Simões Matsukura

<https://orcid.org/0000-0003-3812-3893>

Universidade Federal de São Carlos, Departamento de Terapia Ocupacional, São Carlos, SP, Brasil.

Resumo: Introdução e Objetivo: O estudo objetivou compreender as condições socioemocionais de alunos e professores do Ensino Fundamental Público ao longo da pandemia, partindo da perspectiva dos docentes de um município do estado de São Paulo. **Métodos:** Trata-se de um estudo exploratório de abordagem qualitativa, participaram dezenas docentes do Ensino Fundamental I da rede pública de ensino de um município do estado de São Paulo. Os participantes responderam a um roteiro de entrevista semiestruturada que abordou os diferentes momentos da pandemia. Os dados foram analisados através do método do Discurso do Sujeito Coletivo. **Resultados:** Os resultados revelaram a ampliação de algumas vulnerabilidades como o desemprego, a perda de familiares próximos e seus impactos e, ainda, maior exposição das crianças a situações de violência doméstica. Em relação aos próprios professores, o abrupto rompimento de contato impactou a saúde mental dos entrevistados ao exigir sua adaptação a novas tecnologias e aumentar a sobrecarga de trabalho. Discute-se a necessidade de suporte, formação e estratégias eficazes para lidar com as complexidades impostas pela pandemia no contexto educacional. Destacou-se a lacuna na escuta dos docentes, sublinhando a importância de ouvirlos presencialmente naquele momento. **Conclusões:** Considera-se que este estudo contribui não apenas para a compreensão aprofundada das condições socioemocionais durante a pandemia, como soma elementos sobre o papel crucial da escola como um contexto de proteção e desenvolvimento. Os resultados oferecem elementos valiosos para futuras intervenções e políticas educacionais.

Palavras-chave: Pandemia de Covid-19. Escola. Saúde mental infantil. Educadores. Estudantes.

Abstract: Introduction and Objectives: The study aimed to understand the socio-emotional conditions of public elementary school students and teachers throughout the pandemic, starting from the perspective of teachers from a municipality in the São Paulo state. **Methods:** This is an exploratory study with a qualitative approach, with sixteen teachers from Elementary School I from the public education network in a municipality in the São Paulo participating. Participants responded to a semi-structured interview that addressed the different moments of the pandemic. The data were analyzed using the Collective Subject Discourse method. **Results:** The results revealed the increase in some vulnerabilities such as unemployment, the loss of close family members and their impacts, and also greater exposure of children to situations of domestic violence. In relation to the teachers themselves, the study revealed that the abrupt break in contact impacted the mental health of the interviewees by requiring them to adapt to new technologies and increasing their work overload. The need for support, training and effective strategies to deal with the complexities imposed by the pandemic in the educational context is discussed. The gap in listening to teachers was highlighted, showing the importance of listening to them in person at that moment. **Conclusions:** It is considered that this study contributes not only to the in-depth understanding of socio-emotional conditions during the pandemic, but also adds elements about the crucial role of the school as a context of protection and development. The results offer valuable elements for future interventions and educational policies.

Keywords: Covid-19 Pandemic. School. Children's mental health. Educators. Students.

Abstract: Introducción e Objetivos: El estudio tuvo como objetivo comprender las condiciones socioemocionales de estudiantes y docentes de la escuela primaria pública durante la pandemia, partiendo de la perspectiva de docentes de un municipio del estado de São Paulo. **Métodos:** Se trata de un estudio exploratorio con enfoque cualitativo, participaron dieciséis docentes de la Escuela Primaria I de la red de educación pública de un municipio de São Paulo. Los participantes respondieron a una guía de entrevista semiestructurada que abordó los diferentes momentos de la pandemia. Los datos fueron analizados mediante el método del Discurso del Sujeto Colectivo. **Resultados:** Los resultados revelaron el aumento de algunas vulnerabilidades como el desempleo, la pérdida de familiares cercanos y sus impactos, y también una mayor exposición de los niños a situaciones de violencia doméstica. En relación con los propios docentes, la ruptura abrupta del contacto impactó la salud mental de los entrevistados al obligarlos a adaptarse a las nuevas tecnologías y aumentar su sobrecarga laboral. Se discute la necesidad de apoyo, capacitación y estrategias efectivas para enfrentar las complejidades impuestas por la pandemia en la educación. Se destacó la brecha en la escucha de los docentes, destacando la importancia de escucharlos presencialmente ese momento. **Conclusiones:** Se considera que este estudio contribuye no solo a la comprensión profunda de las condiciones socioemocionales durante la pandemia, sino que también agrega elementos sobre el papel crucial de la escuela como contexto de protección y desarrollo. Los resultados ofrecen elementos valiosos para futuras intervenciones y políticas educativas.

Palabras-clave: Pandemia de Covid-19. Escuela. Salud mental de los niños. Educadores. Estudiantes.

Como citar:

Moraes, N. R.; Matsukura, T. S. (2025). Professores e alunos: o impacto da pandemia da covid-19 pela perspectiva de docentes. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 9(3), 3436-3450, DOI: 10.47222/2526-3544.rbt064285

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 trouxe mudanças significativas ao cotidiano de inúmeras pessoas, gerando desafios em diversas esferas da vida e impactando a saúde física e mental dos indivíduos. Desde seu início, a Covid-19 surpreendeu as nações, manifestando-se com alta mortalidade e morbidade, afetando diretamente a qualidade de vida das pessoas. Para lidar com essa crise, estratégias emergenciais foram implementadas nos sistemas de saúde pública em âmbitos internacional e nacional (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2020; Fiocruz, 2020; Santos et al., 2020; Pineda, Saraiva & Katz, 2022).

No Brasil, segundo Aquino et al (2020), o então presidente Jair Messias Bolsonaro, foi um dos governantes que minimizou a gravidade da pandemia e a letalidade do vírus, sendo um dos poucos dirigentes mundiais que se recusou a reconhecer a ameaça que ela constituiu. Foram publicados e disseminados incontáveis materiais jornalísticos em que este presidente se posicionou contrário às medidas implementadas nos estados e municípios.

Segundo Pineda & Saraiva (2022), frente a lógica governamental negacionista o território brasileiro sofreu grandes prejuízos e milhões de pessoas sofreram com a desassistência estatal. O distanciamento social quase sempre dependeu de iniciativas individuais e voluntárias; com a reabertura de serviços e comércios ocorreu com elevados índices de contágio; a curva de mortes se estabilizou em números elevadíssimos, permanecendo assim ao longo de meses. Nas palavras dos autores, “a população ficou à própria sorte (e à própria morte) (Pineda, Saraiva & Katz, 2022, pp. 9–10).

A postura negacionista que guiou o Governo Federal também foi responsável pelo aumento descomunal no volume de trabalho, foi notável o crescimento das desigualdades, considerando que parcelas significativas da população se encontravam na impossibilidade de ficarem em casa em distanciamento social. Somou-se a isto, a falta de um plano de vacinação com critérios consistentes, doentes acometidos pela Covid-19 serem submetidos a duvidosas terapias farmacológicas e, o aguardo pelo efeito rebanho de imunização, exacerbando a negligência e irresponsabilidade com as vidas da população (Santos et al., 2020; Pineda, Saraiva & Katz, 2022).

A gritante ineficiência governamental foi acentuada pelo atraso na aquisição de vacinas, mesmo que naquele momento estivesse ocorrendo uma corrida de imunização entre nações, gerando disparidade de acesso no mundo todo. Tais fatos ilustram algumas das especificidades do território brasileiro, “que pode ser resumido no encontro aterrorizante da pandemia com o pandemônio” (Pineda, Saraiva & Katz, 2022, p. 10).

Assim, o cenário apresentado era de divergência política e ausência de uma liderança que apontasse um caminho coerente para lidar com a Covid-19. O que ficou mais nítido em 15 de abril de 2020, quando o Supremo Tribunal Federal – STF se valendo do art.23 da Constituição de 1988, declarou que providências em relação a pandemia deveriam ser de responsabilidade e autonomia dos estados (Ramos, 2020).

Contudo, antes mesmo da decisão do colegiado do STF, o Estado de São Paulo, por meio de Decreto Estadual n.64.862 de março de 2020, o governo de estado impôs medidas de contenção e prevenção contra o contágio da Covid-19 (Governo do Estado de São Paulo, 2020).

Em maio de 2020, via Decreto Estadual n.64.994, o governo do estado de São Paulo implementou um

Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 9(3), 3436-3450, 2025.

plano estratégico para lidar com a pandemia de Covid-19, nomeado como “Plano São Paulo”, consistiu em diferentes fases, representadas por cores, cada uma indicando o nível de restrições e medidas de distanciamento social. O plano visava equilibrar a contenção do vírus com a manutenção das atividades econômicas (Governo do Estado de São Paulo, 2020).

Um exemplo de município do estado referido acima, que adotou o direcionamento político do governo estadual, foi a cidade de Rio Claro, município em que foi desenvolvida a presente pesquisa. Devido à pandemia da Covid-19, as aulas presenciais nas escolas municipais de Rio Claro foram suspensas a partir de 23 de março de 2020. Um programa de Alimentação Escolar foi criado em abril de 2020, em julho, decidiu-se que as aulas presenciais não voltariam naquele ano de 2020, priorizando a saúde de alunos, professores e funcionários. Foi adotado um novo calendário escolar com entrega de materiais impressos, além da implementação de rodízio presencial para evitar aglomerações. Em setembro, a Secretaria de Educação incentivou a comunicação e vínculo entre a comunidade escolar e os estudantes através de cartas e meios digitais. Somente em outubro de 2021, com uma resolução da SME de Rio Claro, o Ensino Fundamental foi retomado de forma rodiziada, com grupos de no máximo 30% da capacidade em sala de aula. (Rio Claro, 2020; Rio Claro, 2021). Somente no ano de 2022 os estudantes do município em questão retornaram às salas de aula em sua totalidade.

Além das inúmeras mudanças e tensões geradas pela pandemia, como isolamento, exposição a situações de violência e desafios econômicos, que sem dúvida ampliaram as chances de experiências estressantes para as crianças, a impossibilidade de participar do ambiente escolar (interação com professores, colegas e demais elementos desse contexto) retirou delas um componente essencial para a promoção e prevenção da saúde mental no dia a dia.

A importância da escola na vida desses jovens vai além do aspecto educacional, sendo especialmente relevante para aqueles em situação de vulnerabilidade social. Essa parcela da população depende do ambiente escolar não apenas para sua formação educacional, mas também para suprir necessidades nutricionais e de proteção, destacando-se ainda como a principal instituição identificadora de situações de violência (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2020; Oliveira et al., 2022).

Assim, considerando a necessidade do distanciamento social frente ao cenário pandêmico, estima-se que 1,57 bilhão de estudantes em 191 países tenham sido afetados pelo fechamento de escolas ou universidades (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO], 2020). De acordo com a Organização das Nações Unidas – UNESCO o fechamento das escolas teve impactos negativos, já que: as crianças sofreram com a interrupção da socialização e dos processos de aprendizagem; ocorreu o aumento de estresse dos docentes com a demanda de trabalho; os pais e responsáveis não estavam preparados para lidar com as dificuldades e desafios do ensino remoto; poderia ocorrer o comprometimento nutricional dos estudantes longe do ambiente; entre outros (UNESCO, 2020, p.7).

Faz-se necessário pensar que os escolares e educadores no Brasil estão em meio as deficiências da educação escolar que antes já existiam e, enfrentaram desdobramentos dos impactos gerados pela pandemia da Covid-19, atravessados por uma educação demarcada por “desigualdades, exclusões, elitismo, facilitação e superficialidade, permeada por uma política do negacionismo, cortes de verbas e sucateamento” (Veiga-Neto, 2020).

Associando o distanciamento social e sentimento de solidão enfrentados pela população, especialmente crianças e adolescentes, Loades et al (2020) investigaram o impacto desses dois elementos na saúde mental dos jovens. Eles revisaram estudos usando bancos de dados como o MEDLINE, PsycInfo e Web of Science, buscando artigos publicados entre 1º de janeiro de 1946 e 29 de março de 2020. Encontraram 63 estudos envolvendo 51.576 participantes e concluíram que crianças e adolescentes são mais propensos a apresentar elevadas taxas de ansiedade e depressão durante e após a finalização da ruptura do contato social, e que essas demandas podem aumentar à medida que a necessidade de isolamento permanece sendo necessária. Assim, os autores apontaram que as então medidas de distanciamento social exigidas às crianças por causa do COVID-19 poderiam levar a um aumento de problemas de saúde mental, bem como a um possível estresse pós-traumático (Loades et al., 2020).

Buscando identificar os impactos psicológicos da pandemia em crianças e adolescentes, Boris (2021) estudou 37 artigos sobre saúde mental e o impacto da pandemia por Covid-19 no cenário internacional. Em seu estudo, ela destaca fatores que aumentam o risco e a vulnerabilidade psicossocial, como idade, gênero, família, educação, origem étnica e condições físicas e mentais. É importante lembrar que esses desafios também afetam os responsáveis e cuidadores das crianças. Os maiores impactos observados foram o medo de contaminação, frustração e irritabilidade. Outras questões incluíram violência doméstica, dificuldade dos pais em supervisionar e agravamento da vulnerabilidade social. A autora ressalta que além desses pontos, é essencial fornecer recursos e um ambiente adequado para que as crianças possam enfrentar situações críticas de forma assertiva. No entanto, ainda que os resultados sejam relevantes, importa destacar que tanto o estudo de Loades et al (2020) quanto de Boris (2021), tratam-se de revisão de literatura internacional e que, em se tratando de questões tão fortemente atravessadas pelo contexto cultura e outras dimensões, estudos nacionais que forneçam elementos desta realidade são necessários.

Em estudo nacional, envolvendo todo o país, Rocha et al (2021) conduziram um estudo com o objetivo de analisar o impacto da pandemia na saúde mental de crianças e adolescentes. Eles realizaram uma pesquisa qualitativa e quantitativa, utilizando um questionário compartilhado em uma rede social. Participaram da pesquisa duzentos responsáveis por crianças e adolescentes, a maioria entre 8 e 12 anos (38,5%). As localidades dos responsáveis foram distribuídas da seguinte maneira: Paraíba (65%), Ceará (20%), Pernambuco (5,5%), Rio de Janeiro (5%) e outras regiões (4,5%) (Rocha et al., 2021).

Rocha et al (2021) relatam que os sentimentos principais mencionados foram preocupação, medo, tristeza, ansiedade, irritabilidade e saudade da rotina (ROCHA et al., 2021). Os participantes observaram mudanças comportamentais nas crianças e adolescentes desde o início da pandemia, sendo que 73% deles afirmaram ter notado variações comportamentais, sendo o aumento do uso de celular o principal. Além disso, foram identificadas dificuldades para dormir (43%), queda no desempenho escolar (42,5%) e agitação/irritação (42%). Uma das limitações do estudo foi a falta de especificação sobre se os responsáveis pelas crianças e adolescentes frequentavam instituições de ensino público ou privado. Além disso, não foram registrados dados sobre a classe econômica e social das famílias dos entrevistados (Rocha et al., 2021), o que denota a amplitude das variáveis envolvidas e a necessidade de mais estudos envolvendo a situação de alunos ao longo da pandemia.

Também em território brasileiro, Vasquez et al (2021) analisaram o impacto da pandemia de Covid-19

na saúde mental dos estudantes durante a suspensão das aulas presenciais. O estudo foi realizado em uma região periférica de São Paulo e em Guarulhos, de outubro a dezembro de 2020, com a participação de 401 estudantes de 13 a 20 anos de idade, matriculados em 21 escolas públicas. Os alunos responderam a um questionário online sobre sua saúde mental. Entre os resultados, foi observado que 86,5% dos participantes tiveram sua rotina afetada, sendo que 27,3% apresentaram problemas de sono, invertendo o dia pela noite. A maioria (74%) sente falta das aulas presenciais e de seus professores, e mais da metade concorda que o que aprendem na escola é útil para suas vidas (vasquez et al, 2021).

O estudo conduzido por Oliveira et al. (2022) buscou compreender as percepções de profissionais da educação sobre as violências infligidas contra crianças e adolescentes no contexto da pandemia pela Covid-19. A pesquisa foi realizada em um município de médio porte, considerado um polo tecnológico no centro do estado de São Paulo. O estudo concentrou-se em um distrito específico com cerca de 80.000 habitantes. Nesse distrito, foi selecionada uma escola identificada como um grupo exposto a alta vulnerabilidade social em um contexto urbano, classificado como categoria 5 de acordo com o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) de 2010. Os participantes da pesquisa foram profissionais da educação que tinham contato com os estudantes do Ensino Fundamental e Médio e possuíam acesso à Internet. Ainda na pesquisa de Oliveira et al (2022), a pandemia e o distanciamento social aumentaram a vulnerabilidade à violência contra crianças e adolescentes. Os impactos na saúde mental desses jovens foram ressaltados, exigindo cuidado interprofissional e intersetorial.

Compreendendo que os docentes eram os principais atores imersos na realidade da educação durante a pandemia, na pesquisa de Santos, Lima & Sousa (2020), treze docentes da educação básica em redes públicas do Ceará e Paraíba foram entrevistados via WhatsApp durante a pandemia. Os desafios enfrentados pelos professores incluíram discursos desvalorizantes, condições precárias de ensino, incorporação de tecnologias e dificuldade em separar vida pessoal e profissional. Apesar disso, os resultados destacaram o comprometimento e responsabilidade dos docentes. Questões sobre sociedade, educação e a necessidade de investigações futuras foram levantadas.

Em um estudo realizado no primeiro ano da pandemia, Comelli & Tavares (2021) exploraram a experiência de educação remota sob a perspectiva afetiva dos alunos. Através de um questionário online aplicado a 363 alunos, com idades entre 11 e 15 anos, de uma escola pública no sudeste do Brasil, os pesquisadores identificaram quatro campos afetivos relevantes para os alunos: amigos, aulas, lares e professores. Especificamente sobre a relação entre alunos e professores, o período pandêmico gerou duas facetas afetivas nos entrevistados: ansiedade e expectativas. Os docentes desempenharam um papel de conforto e cuidado, mas os alunos também poderiam estar captando informações distorcidas, como tristeza e outros sentimentos negativos, interferindo na percepção positiva dos professores. Vale ressaltar a escassez de pesquisas que abordam essa relação no contexto da pandemia, e a pesquisa mencionada tem como limitação a ausência de abordagem direta dos docentes.

Os estudos nacionais, ainda que comprehensivelmente realizados, em sua maioria, através de dispositivos conectados a internet, focalizaram aspectos relativos aos possíveis impactos gerados pela pandemia, tendo como principal foco os alunos e, considerando em especial, o período de maior isolamento social. Os resultados indicaram aspectos relativos à vulnerabilidade a que tanto alunos quanto docentes estariam expostos e alertam para a importância de continuidade e aprofundamento de investigações ao

longo de todo o contexto pandêmico.

A pandemia da COVID-19 trouxe desafios significativos ao cotidiano escolar, afetando diretamente as condições socioemocionais de alunos e professores do Ensino Fundamental Público. Neste contexto, este estudo busca compreender tais impactos, partindo da perspectiva dos docentes de um município do estado de São Paulo. O estudo também visa identificar estratégias adotadas para lidar com as adversidades impostas pelo contexto pandêmico, analisando os efeitos na dinâmica escolar e no processo de ensino-aprendizagem.

Metodologia

Este artigo derivou da dissertação de mestrado “Escola e escolares: a pandemia da COVID-19 pela perspectiva de educadoras e educadores da Rede Pública de Rio Claro – SP”, trata-se de um estudo com caráter exploratório e abordagem qualitativa. Participaram do estudo 16 docentes com idade que variaram entre 30 e 60 anos, da rede pública municipal de Ensino Fundamental I de Rio Claro – SP. Como critérios de inclusão para participação foi considerado o fato de o professor estar em função do exercício de atividade docente por mais de três anos, e com turmas de 3º a 5º ano. Crítérios estes estabelecidos mediante ao recorte temporal em que ocorreu a coleta de dados deste estudo, realizada entre maio e junho de 2022, durante a pandemia de Covid-19, logo após o término do estado de Emergência em Saúde Pública no Brasil. Naquele período, o retorno gradual às atividades escolares presenciais havia sido autorizado no início do mesmo ano, e tanto docentes quanto alunos estavam em processo de adaptação a essa nova realidade.

Para a coleta de dados utilizou-se de um formulário de identificação dos participantes e um roteiro de entrevista semiestruturado, que abordou as diferentes etapas adotadas pelo município, relativas ao ensino e ao funcionamento das escolas municipais ao longo da pandemia.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (CEP – UFSCAR) e todos os procedimentos éticos foram adotados ao longo da pesquisa.

A entrada em campo ocorreu após contatos e esclarecimentos sobre a pesquisa junto a Secretaria de Educação de Rio Claro, que também foi solicitada a indicar as escolas a serem contatadas, considerando as diferentes regiões do município. Assim, dentre as 28 escolas existentes, foram indicadas 6 escolas periféricas e 4 de localização central, totalizando 10 escolas de Ensino Fundamental I do município em pauta.

Após o convite e esclarecimentos, 8 escolas aceitaram a realização do estudo, 5 periféricas e 3 centrais. A apresentação mais detalhada sobre a pesquisa foi feita para as representantes das escolas, coordenadoras pedagógicas e coordenadores, diretoras e vice-diretoras. Nesta ocasião, foi solicitado a estes representantes que apresentassem o convite de participação a todos os docentes, orientando aos interessados em participar, que se manifestassem.

Os docentes que manifestaram interesse foram contatados pela pesquisadora que reapresentou a proposta de pesquisa, esclareceu dúvidas, e agendou os encontros para a realização das entrevistas.

Foram realizadas 16 entrevistas, que ocorreram em horário de HTPI das educadoras e educadores, tiveram em média a duração de 40 minutos a 1 hora, e, foram realizadas entre o mês de maio a junho de 2022.

A fim de analisar os dados coletados, todas as entrevistas foram transcritas integralmente e as falas em sua totalidade foram submetidas à técnica de Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Inicialmente, identificaram-se as expressões-chave presentes em cada depoimento, ou seja, os trechos que sintetizam as ideias centrais dos participantes. Essas expressões foram agrupadas por similaridade temática, formando conjuntos representativos de ideias principais. Em seguida, elaboraram-se as ideias centrais a partir desses agrupamentos, e, com base nelas, foram construídos os discursos do sujeito coletivo, redigidos na primeira pessoa do singular. Essa abordagem permite que os discursos individuais com ideias semelhantes sejam integrados, possibilitando a representação simbólica do ponto de vista do grupo como um todo (Lefèvre & Lefèvre, 2010).

A análise foi realizada por meio do método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), seguindo uma sequência estruturada. Primeiramente, identificaram-se as Expressões-Chave (ECH) nos depoimentos, destacando palavras e frases representativas das percepções dos participantes. Em seguida, organizou-se esse material por temas afins, agrupando expressões semelhantes para facilitar a identificação de padrões recorrentes. A partir desse agrupamento, extraíram-se as Ideias Centrais (IC), que sintetizam os significados principais dos relatos analisados. Com base nessas ideias centrais, foram formulados os Discursos do Sujeito Coletivo (DSCs), apresentados na primeira pessoa do singular para refletir o ponto de vista compartilhado pelos docentes entrevistados. Essa abordagem combina elementos qualitativos e quantitativos, proporcionando uma visão unificada e coerente da percepção do grupo sobre o fenômeno investigado (Lefèvre & Lefèvre, 2010).

A Análise do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) baseia-se na Teoria das Representações Sociais (TRS), que busca revelar a forma coletiva do pensamento humano em um determinado contexto histórico. Assim, o método permite compreender não apenas as percepções individuais, mas também os significados compartilhados pelos sujeitos em relação à realidade analisada (Lefevre & Lefevre, 2014, p. 15).

Resultados

A análise das entrevistas com educadoras e educadores resultou na produção de 102 Discursos do Sujeito Coletivo (DSCs). Para este artigo, foram selecionados aqueles que melhor representassem os diferentes momentos analisados. Os resultados foram divididos em quatro seções, sendo que as três primeiras seções se referem às três fases da pandemia (ruptura de contato; retomada de contato via “bolhas de convivência” e; retomada de 100% dos alunos) e, uma quarta seção em que os participantes foram indagados sobre possíveis demandas de saúde mental dos estudantes para além da pandemia e, também, foram convidados a fazer comentários ou outras considerações sobre a temática da pesquisa e/ou sobre o roteiro de entrevista.

A fase inicial da pandemia foi caracterizada por desafios substanciais, conforme relatado pelos docentes entrevistados. Houve uma ruptura abrupta do contato entre professores e alunos, impactando a continuidade do ensino e o vínculo afetivo. O distanciamento social trouxe consigo um aumento da Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 9(3), 3436-3450, 2025.

vulnerabilidade socioeconômica, incluindo perda de emprego dos responsáveis e exposição das crianças a situações de violência doméstica.

"Então, teve uma ruptura. No início a gente não tinha contato nenhum, ficou todo mundo em casa mesmo, a gente não tinha noção, a gente perdeu mesmo o vínculo com as crianças, totalmente. Eu fiquei em dúvida, eu pensava neles: 'devem estar em casa', talvez alguns estejam se cuidando. Então, nesse período eu fui deduzindo o que deveria ser trabalhado, porque era uma distância, não tinha contato."

"A minha preocupação era eles ficarem em casa. Com quem vão ficar? Tem alguém para tomar conta? E a gente sabe que é, há uma limitação em casa né, que a família tem que trabalhar, muitos ficaram desempregados, muitos passaram fome. Se pra gente adulta já era difícil ficar dentro de casa, imagina para uma criança. Também a gente sentia medo das agressões aumentarem, a gente sabe que hoje em dia ela é grande, abuso psicológico... sinceramente foi bem preocupante."

A ausência de suporte, o aumento das demandas laborais e a dificuldade em separar o pessoal do profissional foram aspectos que se destacaram, permeados pelo medo.

"Foi muito difícil para a gente, mexeu muito com o emocional. Foi uma coisa muito maçante da gente não dormir, de tomar remédio, muita gente tomado remédio faixa preta, eu por exemplo cheguei a ficar esquecido na contramão pelas ruas aí. E não tínhamos ajuda de nenhum lado, aquela cobrança, eles nos culpam de tudo, a televisão culpava os professores, mas nós não queríamos ficar parados."

Na segunda seção, observou-se o prejuízo no desenvolvimento socioemocional dos estudantes, enquanto a escola se consolidou como um importante fator protetivo.

"Não era obrigatório voltar, às crianças que tinham problemas sérios de saúde não eram obrigadas a retornar, outras não retornaram, porque as famílias não quiseram mandar por N razões. Se eu não me engano da minha turma foram 3 ou 4 alunos que não retornaram presencial, o restante voltou todos."

"A gente percebia que eles tinham uma grande preocupação em estar cuidando, higienizando as mãos, preocupados com as questões do distanciamento, de fazer tudo que tinha que ser feito do protocolo. Não sei se em todas as salas, mas na minha sala eles queriam muito saber: 'Como era o vírus? O que eles podiam fazer? Como era a contaminação? E o que acontecia?' Eles eram muito bonitinhos, porque chegavam e ficavam cada um no seu cantinho. Então, não foi aquela agitação, foi bem tranquilo. E a gente percebia também a união deles, eles se comunicavam ali cada um no seu lugar, eles já sabiam os lugares que eles iam sentar. Foi boa essa retomada, fez bem para eles."

A terceira seção abordou o reconhecimento e a adaptação, destacando a importância do tempo de esperança, embora tenham sido observados impactos negativos significativos.

"Quando eles voltaram tinham necessidade de estar em grupo, eles sentiam muita falta desse contato com o professor, contato físico, apesar da gente não poder se aproximar, não poder abraçar, mas a gente tava ali pra escutar eles. Eles tinham necessidade da escola, foi bom porque viram os amigos que estavam distantes, as crianças que vieram e você vê a convivência com poucos alunos que estavam ali e mesmo com a gente."

"A gente não sabia como iria ser na verdade, como ia ocorrer na prática esse retorno, o que iria acontecer né foi aquela apreensão, aquele medo, eu falava assim "Como vai ser né? Como que é meu aluno? Parecia que tinha acabado de sair da faculdade, dava até aquele friozinho na barriga, parecia que eu estava indo para escola pela primeira vez! E também para os alunos! Na primeira e na segunda semana eles ficaram meio apreensivos, eu percebia tanto pelo WhatsApp como pessoalmente. Foi um pouco assustador, porque, pandemia ali em alta, muitas mortes ainda, e os pais com bastante medo também. Então, foi complicado, foi muito complicado. Tinha uns 2 ou 3 que falavam "aí eu não quero, eu tô com medo", porque tinha medo tanto do Covid e inseguro do que iriam encontrar aqui."

"Nós como professores sofremos, porque a gente chegou e eles chegaram, foi tudo colocado assim, de repente, então não teve aquela colaboração e a gente ia trabalhando assim, não podia chegar perto, todo mundo tinha que ficar afastado. Não foi fácil também porque nossa escola é grande e tivemos uma redução de funcionários de uns 70%. Assim, foi um processo moroso, nós não tínhamos funcionários, nós não tínhamos material suficiente: como papel, giz, álcool em gel. Teve bolha que veio criança a semana inteira, eram bolhas lotadas e sem nenhum material."

A quarta e última seção concentrou-se nas estratégias dos professores para lidar com as demandas socioemocionais das crianças.

"E é na base da conversa mesmo, do acolhimento, quando a gente percebe alguma coisa eu chamo para conversar pergunto o que está acontecendo. Eu converso muito com meus alunos, sobretudo, chamo, falo "o que está acontecendo? E o aluno tem que ter essa confiança no professor, tem que saber que ele pode contar. Então num primeiro momento procuro um jeitinho de estar conversando, mais isolado, procuro conversar em particular, mas também não fico forçando a criança a falar. Porque às vezes eles se sentem constrangidos de falar perto dos outros, é muito importante ele saber que os outros não saberão. Então a gente se aproxima, e bem baixinho se coloca à disposição, e você não está ali para saber o que tá acontecendo para contar para ninguém, é para conversar com ele, tentar ajudá-lo e aliviá-lo."

"Eu abraço, eu sento, eu deixo a criança chorar, dou água, falo: 'não, tudo bem, vem cá me dar um abraço, vai melhorar. E tento elevar a autoestima dessa criança o máximo possível.'

"Com relação à saúde, a gente chama o responsável e tenta encaminhar essa criança pro posto de saúde. E também que temos no município são os encaminhamentos, então tem o Princesa Vitória e o CAPS infantil."

"Sempre tem a dificuldade 'do tal do diagnóstico', a gente vê a necessidade do aluno, a gente encaminha, é uma demanda muito grande para pouco profissional e fica muito demorado. Eu não sei o que é, eu preciso da parceria de médicos, porque tem que ter uma equipe multidisciplinar, a gente precisa da orientação. Porque a gente precisa e demora muito para acontecer. Outros casos como crianças que têm convênio, por exemplo, também tem ficado um pouco demorado. Mas a gente consegue um pedido, um relatório da escola que um médico encaminhe para uma avaliação com psicóloga, neurologista e qualquer outro profissional."

DISCUSSÃO

Com a necessidade do distanciamento social, e, também do ineditismo daquele momento, ocorreram impactos no dia-a-dia dos entrevistados. Resultados semelhantes foram apontados por Vasquez et al (2021), que afirmam que a pandemia da Covid-19 impactou significativamente a população em geral, pois o distanciamento social atingiu de forma inédita a rotina diária e relações sociais de milhares de vidas. (Vasquez et al., 2021).

Em relação a violências sofridas e instabilidade financeira, estudos ressaltam que crianças que estão submetidas a convivência em "famílias que estão lidando com fatores estressores adicionais, como na pandemia – problemas financeiros, desemprego, aumento de uso de substâncias, maior carga de trabalho doméstico – estão mais vulneráveis a violências" (Oliveira et al., 2022, p. 5).

Segundo dados compartilhados sobre território brasileiro pela UNICEF (2023), a população de crianças e adolescentes já chegava a cerca de 32 milhões antes da pandemia por Covid-19, e, antes mesmo deste momento, a pobreza multifacetada assolava um terço desta população. Indubitavelmente, ao longo da pandemia esse número sofreu aumento significativo, os dados disponíveis relativos a diversas dimensões indicam um aumento no número de crianças e adolescentes privados de seus direitos durante a pandemia. Assim, comprehende-se que os entrevistados trouxeram relatos e preocupações que refletiram os dados na prática, já que ilustram a realidade precária vivida por crianças ao longo da pandemia (UNICEF, 2023, p. 1).

De acordo com Katz (2022), o fechamento das escolas impõe não somente uma simples rotatividade de endereços, e sim uma abrupta mudança de rotina e no ambiente de convívio (Katz, 2022). Os resultados acima denotam que as crianças expressavam necessidade do convívio social e no retorno ao convívio escolar as crianças apresentaram satisfação, boa adaptação, tanto aos protocolos de higiene quanto ao novo modo de se relacionar no que se refere ao distanciamento necessário, e, para além disso apontam que embora em número menor de crianças e por curto espaço de tempo puderam retomar a rotina dentro do ambiente escolar.

Além do momento de acolhimento que foi ressaltado nos resultados com o retorno parcial para boa parte dos alunos, os professores entrevistados também apontaram sobre o que observaram na saúde mental das crianças, no que diz respeito às dificuldades e/ou sofrimento como a ansiedade, tristeza, retração, agressividade, pouca autonomia e dependência, dentre outros.

Os resultados levantados ressaltam o desafio de ser docente, ainda mais em tempos pandêmicos,

demonstrando ser ofício ferrenho, por um lado, estavam as fragilidades e angústias de ser (um ser vivo e pensante) em meio a um tempo insólito e, permeados por tantas problemáticas que escancararam a efemeridade da vida humana, de outro estavam as preocupações diárias com o outro (Santos et al., 2020; UNICEF, 2023; Fiocruz, 2020).

Conforme o isolamento se prolongou, diferentes questões foram aparecendo e ampliando os desafios de ordem prática e emocional para os docentes. Dentre elas, os docentes fazem referência à pressão e cobranças que foram direcionadas a eles, como que os responsabilizando pelo não retorno das crianças à escola.

Foi revelado que os entrevistados enfrentam sentimentos de amedrontamento, angústia, preocupação, insegurança, cautela, sobrecarga e cansaço. Assim, a saúde mental dos docentes foi afetada pelo momento vivido, o que se assemelha ao que foi ressaltado em pesquisa de Cipriani et al (2021) que teve como achado principal que os profissionais demonstraram estado de ansiedade, preocupação e angústia, culminados pela sobrecarga de trabalho na situação vivenciada (Cipriani et al., 2021).

As informações obtidas denotam que a pandemia representou um desafio significativo para os entrevistados, diante do contexto pandêmico e da necessidade de reestruturação e ajuste das rotinas em geral, ocorreram impactos na dinâmica de trabalho exigindo adaptação rápida, flexibilidade e resiliência dos docentes, também foram ressaltados aspectos emocionais dos entrevistados em relação a dinâmica laboral e envolvimento com seus alunos (e familiares de alunos).

Os docentes relataram sentir ansiedade, exaustão e insegurança, com um impacto significativo em sua saúde mental. Esses achados estão em consonância com os resultados previamente apresentados, que evidenciaram a sobrecarga emocional associada à transição para o ensino remoto e às dificuldades de adaptação. Cipriani et al. (2021) destacam que essa sobrecarga se deve não apenas ao aumento da carga de trabalho, mas também à ausência de suporte adequado para os profissionais da educação.

Os resultados evidenciam de forma semelhante a análise de Santos et al (2020), sobre a reinvenção do modo de se vincular dos docentes com seus alunos, e, ministrar aulas, sem um projeto de ação mais detalhado, sem as condições efetivas de trabalho e muitas vezes sem suporte de órgãos públicos que deveriam se responsabilizar por organizar e executar políticas educacionais (Santos et al., 2020).

A ausência de condições efetivas de trabalho para os docentes é um ponto crítico que merece atenção, pois pode impactar diretamente na qualidade do processo relacional com os alunos e do processo de ensino-aprendizagem. A falta de suporte por parte dos órgãos públicos encarregados de formular e implementar políticas educacionais também é apontada como um fator limitante, o que sugere a necessidade de um engajamento mais efetivo dessas instâncias na promoção de condições adequadas para a prática educacional.

A análise de Santos et al. (2020) e os resultados apresentados destacam a urgência em abordar questões estruturais e de políticas educacionais para melhorar o cenário educacional. Isso implica não apenas em oferecer suporte efetivo aos docentes, mas também em repensar e reformular políticas que possam garantir um ambiente propício para a eficácia do processo educacional de forma ampla. O diálogo entre pesquisas acadêmicas e a implementação prática de políticas pode desempenhar um papel crucial na promoção de mudanças significativas no sistema educacional.

O estudo de Camargo (2023) que objetivou identificar impactos positivos e negativos da pandemia, pela perspetiva das crianças, a autora observou que elas tiveram dificuldades para acompanhar, realizar as atividades propostas e absorver o conteúdo de forma remota, dada a falta de equipamentos eletrônicos e acesso à internet (Camargo, 2023). Hipotetiza-se que o retorno das aulas pós-pandemia trouxe benefícios cruciais para as crianças, incluindo oportunidades de interação social, desenvolvimento emocional, aprendizagem presencial, estímulo cognitivo, estrutura e rotina, acesso a recursos educacionais, promoção da saúde mental, alimentação balanceada e participação em atividades extracurriculares, e, esses aspectos contribuem para um desenvolvimento integral e saudável das crianças.

Os dados deste trabalho ressaltam a importância da escola na vida das crianças, visto que apresentaram reações positivas quando puderam estar com os seus colegas, de maneira segura, seguindo as medidas de higiene necessárias para aquele momento, e, para além disso, nos DSCs, sugere-se que o ambiente escolar também é um fator protetivo em relação a violências que podem sofrer e/ou presenciar.

Ao abordar o papel do professor, Rios (2011) destaca a importância de uma abordagem humanizada, centrada no aluno e em um processo educacional que vai além da simples transmissão de conhecimentos, visando o desenvolvimento integral e autônomo dos estudantes. Assim, pode-se notar que os entrevistados além de buscarem os responsáveis pelas crianças, educadoras e educadores buscam a direção escolar e, também utilizam de meios pessoais para ajudar os estudantes. Visto isso, é de suma importância refletir sobre os resultados na intenção de compreender que os docentes entrevistados são atores atuantes no espaço da escola e, esta compõe a sociedade, realizando um papel dicotômico, entre cumprir com regras estabelecidas e poder ter ações transformadoras para com a cultura (interna e externa ao seu meio) (Rios, 2011, p. 49).

A rede de cuidado das crianças no contexto da saúde mental e intersetorialidade é uma abordagem integrada que busca promover o bem-estar emocional e mental das crianças, isso envolve a colaboração entre diferentes setores, como saúde, educação e assistência social, com ênfase na prevenção, participação familiar, acesso a serviços especializados, criação de ambientes escolares e comunitários saudáveis, além da cooperação entre profissionais de diversas áreas. A abordagem visa uma atenção holística e cooperativa para garantir o desenvolvimento saudável das crianças, e, ao ser apontado um enfoque tão grande no cuidado no setor de saúde, sem refletir de maneira crítica sobre o cuidado compartilhado, pode-se correr o risco de cair em um olhar patologizador.

Conclusão

Para as considerações finais deste trabalho, é possível destacar a complexidade das condições socioemocionais enfrentadas por alunos e professores do Ensino Fundamental público ao longo das diferentes fases da pandemia até a regularização do retorno presencial. Além disso, os resultados reforçam o papel da escola como contexto fundamental de desenvolvimento e proteção a infância.

A pesquisa buscou, de maneira significativa, compreender essas experiências a partir da perspetiva dos entrevistados, com especial atenção ao papel crucial dos educadores no enfrentamento das situações de sofrimento emocional vivenciadas pelos estudantes.

Em síntese, considera-se que este estudo contribui não apenas para a compreensão aprofundada das Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 9(3), 3436-3450, 2025.

condições socioemocionais durante a pandemia, mas também destaca a importância de valorizar as vozes dos professores, reconhecendo o papel crucial da escola como um contexto de proteção e desenvolvimento integral dos estudantes. As estratégias identificadas oferecem insights valiosos para futuras intervenções e políticas educacionais, visando fortalecer ainda mais o suporte socioemocional no contexto escolar.

Referências

Aquino, E. M. L., et al. (2020). Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(Supl.1), 2423-24461 DOI: 10.1590/1413-81232020256.1.10502020

Araújo, E. F. (2023). Socioeconomia no ensino durante a pandemia: como as diferentes classes responderam ao processo de ensino e aprendizagem. *Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, 6, 76–84. <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/100>

Sánchez Boris, I. M. (2021). Impacto psicológico de la COVID-19 en niños y adolescentes. *MEDISAN*, 25(1), 123-141. Epub 15 de febrero de 2021. Recuperado en 10 de junio de 2024, de http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1029-30192021000100123&lng=es&tlang=pt.

Cid, M. F. B., Squassoni, C. E., Gasparini, D. A., & Fernandes, L. H. O. (2019). Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. *Pro-Posições*, 30, 1–24. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0093>

Cid, M. F. B., & Gasparini, D. A. (2015). Ações de promoção à saúde mental infantojuvenil no Contexto Escolar: Um Estudo De Revisão / Promotion Actions to Mental Health Children Youth Inschool Context: Literature Review. *Revista FSA* (Centro Universitário Santo Agostinho), DOI: <http://dx.doi.org/10.12819/2016.13.1.6>

CIPRIANI, F. M.; MOREIRA, A. F. B.; CARIUS, A. C. (2021). Atuação Docente na Educação Básica em tempo de Pandemia. *Educação & Realidade*, <https://doi.org/10.1590/2175-6236105199>

Comelli, F. A. M., Costa, M. da, & Tavares, E. S. (2021). "I Don't Know If I Can Handle It All": Students' Affect during Remote Education in the COVID-19 Pandemic in Brazil. *The International Review of Research in Open and Distributed Learning*, <https://doi.org/10.19173/irrodil.v23i1.5869>

Costa, K. M. R., et al. (2021). Promoção da saúde mental de professores no contexto da pandemia do novo Coronavírus. *Cadernos do Aplicação*, 34(2) , <https://doi.org/10.22456/2595-4377.110618>

Escolas Municipais De Rio Claro Não Terão Aulas Presenciais No Restante De 2020 | Prefeitura Municipal De Rio Claro. <https://ojs.uniplacages.edu.br/index.php/rLAS/article/view/110/103>

Filho, I. P. L., Gonçalves, D. N., & Santos, H. R. R. (2022). O Trabalho Docente E a Pandemia Da covid-19: Uma Investigação Com Professores Do Ensino Fundamental E Médio. *Teoria E Cultura*, 17(1), 11-23 <https://doi.org/10.22456/2595-4377.110618>

Fiocruz. (2021). Recomendações para o planejamento de retorno às atividades escolares essenciais no contexto da pandemia de Covid-19. Rio de Janeiro: Fiocruz.

https://www.iff.fiocruz.br/pdf/atualizacao_documento_retorno_escolar_fevereiro_de_2021.pdf

Fiocruz. (2020). Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19: recomendações gerais. Rio de Janeiro: fiocruz.<https://www.fiocruzbrasilia.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%C3%A7%C3%A3o%C3%BCes-gerais.pdf>

Fonseca, R. P., Guinle, V. A., Fiorioli, V., Dalfovo, N. P., Uebel, M. G. P., & Enéas, L. V. (2022). Impactos desenvolvimentais de saúde mental e aprendizagem em crianças, adolescentes, pais e professores pós-fechamento das escolas: uma revisão sistemática. *Debates em Psiquiatria*, 12, 1-68 <https://doi.org/10.25118/2763-9037.2022.v12.416>

Governo do Estado de São Paulo. Secretaria de Desenvolvimento Regional. (2020). Plano São Paulo: retomada consciente. São Paulo: Secretaria de Desenvolvimento Regional. . Disponível em:<https://www.saopaulo.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/PlanoSP-apresentacao-v2.pdf>.

Lefèvre, F., & Lefèvre, A. M. C. (2010). Pesquisa de representação social: um enfoque qualitativo: a metodologia do discurso de sujeito coletivo. Brasília: Líber livro.

Lefevre, F., & Lefevre, A. M. C. (2014). Discourse of the collective subject: social representations and communication interventions. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 23(2), 502-507. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072014000000014>

Matsukura, T. S., Fernandes, A. D. S. A., & Cid, M. F. B. (2012). Fatores de risco e proteção à saúde mental infantil: o contexto familiar. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 23(2), 122-129. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v23i2p122-129>

Oliveira, A. P. F., et al. (2022). Violência contra crianças e adolescentes e pandemia – Contexto E Possibilidades Para Profissionais Da Educação. *Escola Anna Nery*, 26(spe) <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0250>

Organização Mundial da Saúde. (2020). Considerações sobre saúde mental e psicossocial durante o surto de COVID-19. WHO/2019-nCoV/MentalHealth/2020.1.

Pineda, D., Saraiva, L. F. de O. S., & Katz, I. (2022). Clínica e (A)normalidade: Interpelações Pandêmicas. WHO/2019-nCoV/MentalHealth/2020.1. 2020.

Prefeitura Municipal de Rio Claro (SP). Resolução 020/2021 de 15 de outubro de 2021. 5

Prefeitura Municipal de Rio Claro (SP). Secretaria Municipal da Educação. Comunicado. Rio Claro, 15 de junho de 2020.

<https://www.educacaorc.com.br/media/biblioteca/7005620/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20SME%2002021%20-%20Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20retomada%20das%20aulas%20presenciais%20na%20Rede%20Municipal%20de%20RC.pdf>

Rios, T. A. (2014). Ética e competência: Política, responsabilidade e autoridade em questão. [s.l.] Cortez Editora.

Rocha, M. F. A., et al. (2021). O impacto da pandemia do covid-19 na saúde infanto-juvenil: um estudo transversal / The impact of the covid-19 pandemic on child-youth health: a cross-sectional study. Brazilian Journal of Health Review. 4(1), 3483–3497. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n1-271>

Prefeitura Municipal de Rio Claro. Secretaria Municipal da Educação. (2020). Comunicado à comunidade escolar: Publicada em 10/06/2020. Disponível em: Secretaria da Educação (educacaorc.com.br)

Santos, E., et al. (2020). "Da noite para o dia" o ensino remoto: (re)invenções de professores durante a pandemia. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, 5(16), 1632–16483

UNESCO. (2022). Relatório anual da UNESCO no Brasil, 2022. [http://:Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak \(who.int\)](http://:Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak (who.int)).

UNICEF. As Múltiplas Dimensões Da Pobreza Na Infância E Na Adolescência No Brasil. <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/as-multiplas-dimensoes-da-pobreza-na-infancia-e-na-adolescencia-no-brasil>. Acesso em: 18 out. 2023.

Vasquez, D. A., Caetano, S., Schlegel, R., Lourenço, E., Nemí, A., Slemian, A., & Sanchez, Z. M. (2021). Schoolless life and the mental health of public school students during the Covid-19 pandemic. SciELO Preprints, 2021. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.2329.

Veiga-Neto, A. (2020). Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. Educação & Realidade, 45(4). <https://doi.org/10.1590/2175-6236109337>

Agradecimentos: UFSCAR, PPGTO.

Recebido em: 21/06/2024

Aceito em: 05/04/2025

Publicado em: 31/07/2025

Editor(a): Maria Natália Santos Calheiros